

LUZ E SOMBRA NA OBRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Luiza Lobo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Firmina dos Reis destaca-se nas letras maranhenses, ao lado de Gonçalves Dias, Álvaro e Aluísio de Azevedo, Coelho Neto e Sousândrade. Nasceu em São Luís, em 11 de outubro de 1825, e faleceu em Guimarães, Ma., em 11 de novembro de 1917. Seu romance *Úrsula* (1859) foi o primeiro escrito por uma romancista brasileira. No meu ensaio “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”, de *Crítica sem juízo* (1993, p. 236, nota 1), cheguei a afirmar, a partir de informações recebidas, que a primeira romancista brasileira seria Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, com sua obra *Flores colhidas no jardim da imaginação* (1845). Contudo, ao compulsar este livreto de apenas 45 páginas na Biblioteca Nacional, constatei que se tratava de uma miscelânea de poemas e contos, nada tendo de um romance.¹ Dessa forma, volto a compartilhar a opinião dos pesquisadores maranhenses Josué Montello e José Nascimento de Moraes Filho (1975, p. 235), de que Maria Firmina é a primeira mulher a publicar um romance

¹ A *Enciclopédia de Literatura Brasileira* de Galante de Sousa e Afrânio Coutinho (2001, p. 317) lista a obra como *A filosofia por amor* (miscelânea, 1845), ainda seguindo o *Dicionário biográfico* de Sacramento Blake. Na verdade, “Eugênia ou a filósofa apaixonada” é um dos textos curtos de *O ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação* (1845, 2ª edição, estudo Agnes Hubner Flores, Porto Alegre, Nova Dimensão; PUC, 1990). Ver Muzart, 1999, p. 162-74, p. 166.

Neste livro, o ensaio de Zahidé L. Muzart “Maria Firmina dos Reis” atribui, merecidamente, a José Nascimento Moraes Filho (1999, p. 265) a intensa pesquisa que salvou Maria Firmina do esquecimento. No entanto, creio que também ajudei a divulgar a obra da escritora fora do Maranhão, ao promover a publicação da terceira edição de *Úrsula* (1988), atualizando o original e fornecendo as notas e convidando o pesquisador norte-americano Charles Martin para escrever a excelente introdução. Nesta obra, a ficha catalográfica está correta, mas, na folha de rosto, consta erradamente o nome de Nanci Egert, que foi a revisora da obra anterior da coleção Resgate do INL/Presença. Escrevi já na década de 1980 o ensaio “Uma pioneira maranhense”, que Muzart cita na nota de pé de página 13 (1999, p. 271), apenas na edição de *Crítica sem juízo* (1993), como ali se informa, mas que saiu também na Itália em *Letterature d’America* (1986-87) e na revista da Universidade Cândido Mendes/Fundação Ford, *Revista de Estudos Afro-Asiáticos* (1989). Nele apresento, pela primeira vez, a análise da importância do *Álbum*, dos poemas, de “Gupeva” e “A Escrava” (que são contos, nem romances nem novelas). Para este artigo, compulsei o livro pioneiro de José Nascimento de Moraes Filho, enviado pelo autor em xerox. A notícia de suas descobertas fora divulgada por jornais nos idos de 1973 (ver Moraes, 1975, p. 208 e *O Imparcial*, São Luís, 11 de novembro de 1973), quando os estudos femininos ainda não haviam despontado no Brasil.

no Brasil, *Úrsula*.² Ele é o também o primeiro romance abolicionista brasileiro e o quinto publicado no Brasil.³ Seu livro de poesia *Cantos à beira-mar* (1871), é o décimo-primeiro livro de poesia escrito por uma escritora brasileira, sendo ela provavelmente a oitava poetisa do Brasil.⁴

Todos os méritos dessa autora nos são mostrados pelo historiador maranhense e bibliófilo José Nascimento de Moraes Filho na obra que organizou, *Maria Firmina – fragmentos de uma vida* (1975). Era mulata e bastarda, e foi registrada por João Pedro Estevão, sendo parente do gramático Sotero dos Reis por parte da mãe Leonor Felipa dos Reis, de acordo com o *Dicionário biográfico brasileiro* de Sacramento Blake (Ver Lobo, 1993, p. 224). Desde os cinco anos viveu com a avó, a irmã Amália Augusta dos Reis e uma prima, na cidade de Guimarães, no continente, em frente à capital de São Luís, separada desta pela encapelada baía de São Marcos.

José Nascimento de Moraes Filho descobriu a poetisa lendo nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís do Maranhão, em 1973. Josué Montello comenta também a pesquisa do maranhense Antônio de Oliveira (Montello, *Jornal do Brasil*, 1975).

A biografia da escritora surpreende pela riqueza intelectual, numa época em que a maioria das mulheres era analfabeta. Foi a primeira professora primária a obter o cargo por concurso, em 11 de agosto de 1847, sempre trabalhando em localidades pobres do continente, inicialmente na vila de Guimarães (em março de 1881 fundou uma aula mista) e depois em Maçaricó, mesmo

² Quanto à presunção de que Teresa Margarida da Silva e Orta (que também se assinava Horta) pudesse ser a primeira autora brasileira, seria este um esforço de antedatar o início do romance de autoria feminina no Brasil em quase cem anos, uma vez que o primeiro é de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, *O filho do pescador*, de 1843. Sabe-se que, filha de portugueses, a escritora mudou-se para Portugal com a família aos cinco anos e lá publicou *As Aventuras de Diófanos* (1777), uma imitação confessada de *A viagem de Telêmaco*, de Fénelon, sendo a primeira edição com o título *Máximas de virtude e formosura* (1752) e o pseudônimo de Dorotéia Engrássia Taveda Delmira. Nem esta nem suas outras obras foram quer compostas quer publicadas no Brasil. Portanto, concordo com José Nascimento de Moraes Filho (1975, p. 214, 215), com o *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, de Jacinto do Prado Coelho, com Raimundo de Menezes, Heron de Alencar e muitos outros, de que ela não faz parte da literatura brasileira. Quanto a Nísia Floresta, é tradutora da obra política de Mary Wollstonecraft a partir de uma edição francesa, *Os direitos da mulher* (1832, 1833, 1839), escreveu em francês um livro de viagens, sob forma epistolar, a sua filha Lívia, que foi intitulado *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (Paris, 1857) e publicado em tradução de Francisco das Chagas Pereira (1982, 1998, tendo esta última introdução de Constância Lima Duarte). Outra obra de literatura de viagem de Nísia foi *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, Narrative de voyage, Paris, E. Dentu, 2 v., 1º v., 1864; 2º v., 1872.

³ A segunda edição foi realizada pelo Governo do Estado do Maranhão, em 1975, com prefácio de Horácio de Almeida, já incluindo o nome da autora. Foi este bibliófilo que localizou a obra e identificou o pseudônimo “Uma maranhense” como sendo de Maria Firmina dos Reis.

⁴ Ver *Maria Firmina*, org. por Moraes (1975, p. 236) e Notas, 2ª ed. de *Cantos à beira-mar* (1976, s. p.).

aposentada. Foi folclorista, autora de charadas, logogrifos e enigmas, letrista e compositora de músicas populares, valsas e hinos patrióticos, como o “Hino da libertação dos escravos” e o “Hino à mocidade”. A produção poética publicada na imprensa e os dois contos “A Escrava” (1887), abolicionista, e “Gupeva” (1861), indianista, foram reunidos pelo pesquisador José Nascimento de Moraes Filho em seu *Maria Firmina – fragmentos de uma vida* (1975), junto com *O Álbum*, seu diário. Já temos três edições de *Úrsula* (1859) e duas do livro de poesia *Cantos à beira-mar* (1871, 2^a ed., fac-similar, 1976). Este reúne poemas originais e outros publicados na imprensa de São Luís.

Ela participou da antologia poética *Parnaso Maranhense* e publicou nos jornais literários *Pacotilha*, *Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *O Federalista*, *A Verdadeira Marmota*, entre outros. O poema “Tributo de amizade” é dedicado a Byron, com a epígrafe: “Je t’aime, je t’aime / Oh ma vie. Byron”.⁵ “Nênia”, dos *Cantos* (1976, p. 197) é dedicada a Gonçalves Dias (A. G. Dias), assim como “A dor que não tem cura” (1976, p. 137-38). “Meditação” traz uma epígrafe de Alexandre (A.) Herculano,⁶ além de outro, sem título, publicado no *Almanaque de Lembranças Brasileiras*.⁷ Muitos dos poemas de Maria Firmina têm caráter elegíaco, por ocasião de casamentos, mortes e em dedicação a suas amigadas.

A autora escreve também poemas em prosa “Meditação”, por exemplo, tem caráter ultra-romântico, traz traços de aproximação com a natureza e sabor confessional de diário. Nele revela uma melancolia quase doentia.⁸ Em *O Domingo* escreve um segundo episódio, “Um artigo das minhas impressões de viagem, Página Íntima”, relatando as recordações de uma viagem de barco pelo rio Itacolomi, afluente do Camocim, no Estado do Ceará. A autora personifica essa terra vista do mar como uma virgem e a associa às lembranças da raça indígena, imaginando um índio com seu arco e flecha, a aljava e o canto rude nos lábios, um guerreiro que não teme a morte,

⁵ “Tributo de amizade” é datado de Guimarães, e foi publicado em *A Verdadeira Marmota*, 20 de setembro de 1861, e republ. em Moraes (1975, p. 51-2). Na publicação em livro, *Cantos à beira-mar* (1976, p. 47-48), a dedicatória muda de uma epígrafe de Byron para José Mariano da Costa. Todos os jornais citados em nota são de São Luís.

⁶ “Meditação” (poema) é escrito em Guimarães e publicado no *Seminário Maranhense*, 3 novembro 1867, nº 10, e é repub. por José Nascimento de Moraes Filho, org., 1975, p. 78-9.

⁷ Sem título, escrito em Guimarães, *Almanaque das Lembranças Brasileiras*, 3^o Ano, janeiro de 1868, é republ. in José Nascimento de Moraes Filho, org., 1975, p. 76-7.

⁸ “Meditação”, poema em prosa, é datado de Guimarães, 1861, *O Jardim dos Maranhenses*, 25 novembro 1861, nº 27, e é repub. in Moraes (1975, p. 96-7).

“livre como pássaro ou o ar” (Moraes, 1975, p. 98), enquanto “o navio corria, corria sempre” (idem, p. 99). A terra lhe falava como virgem triste, a mesma terra que antes a saudara com um sorriso jubiloso (idem, p. 100). Esse trecho, de cerca de duas páginas, termina igualmente de forma melancólica, com uma queixa e um gemido da narradora, que fazem sua alma fugir-lhe aos olhos.⁹ Na semana seguinte, *O Domingo* publica a continuação desse soturno episódio,¹⁰ que culmina com uma crise (também mencionada no *Álbum*, em 2 de fevereiro de 1861, ver Moraes, 1975, p. 153) que quase leva a autora ao suicídio. Então com 47 anos, ela estabelece um diálogo com a própria alma e rememora “um passado risonho; mas breve – um passado feliz; mas... um presente de lágrimas e prolongadas amarguras...” (Moraes, 1975, p. 100). Sua alma pede-lhe a morte, através da imagem de um túmulo num cemitério, cercado por um muro, enquanto recorda os sofrimentos de Raquel diante do gradil de ferro de uma tumba, remontando ao contexto cristão do Romantismo. Ela tem uma única recordação do passado, sobre a qual sua vida se concentra, que não revela qual é; depois, exclama: “Basta... porque esse sofrimento é o vaso de absinto que amargura a existência até o extremo” e, “à borda da sepultura”, sente-lhe voltar um alento de esperança, pela mão de Deus, enquanto repete a fórmula poética “o vapor corria, corria sempre” (Moraes, 1975, p. 101). Esse episódio lembra “Uma lágrima sobre um túmulo” que abre o *Álbum* da autora, em 20 de maio de 1853, certamente referindo-se à mãe (Moraes, 1975, p. 149-50).

Em *Cantos à beira-mar*, Maria Firmina introduz inúmeros poemas intimistas de feição romântica egóica. Outros dão seguimento à defesa do abolicionismo valentemente exposta em *Úrsula* (1859), ou consistem de poemas patrióticos nacionalistas, dedicados aos soldados de Guimarães enviados à guerra do Paraguai (*Cantos à beira-mar*, 1976, p. 85-7, e “Poesias”, 1976,

⁹ “Um artigo das minhas impressões de viagem, Página íntima”, sem data, *O Domingo*, nº 30, 1º setembro 1872, e repub. in Moraes (1975, p. 98-100).

¹⁰ Episódio sem título, com a indicação “Fim”, datado de Guimarães, 1872, *O Domingo*, 8 setembro 1872, supostamente no número 31, republicado in Moraes (1975, p. 100-01). “Minha alma”, de *Cantos à beira-mar* (1976, p. 187-89), também propõe um diálogo entre duas almas sofredoras, da narradora e sua alma.

p. 89-106). Mostrou ousadia também ao publicar o conto “A Escrava”, na *Revista Maranhense*¹¹. Ele se destaca dos romances de tese escritos por outros autores, que circulavam em ambientes seletos, e não viviam o problema racial na carne, apenas no plano das idéias. Entre estes, contam-se o inverossímil *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo de Guimarães, *As vítimas algozes* (1859), de Joaquim Manoel de Macedo, ou mesmo *O Mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. A característica mais original desse conto escrito em episódios, quase um esboço de novela, é constituir-se em um “caso” relatado por uma mulher e sob a forma de diálogo velado na sala-de-estar da sua casa. Ela é uma senhora rica e respeitada que encontra um escravo, Gabriel, e sua mãe, perseguidos por um feitor, muito elogiado pelo patrão justamente por sua violência. Protege-os, ouve-lhes os sofrimentos, e, depois que a mãe dele morre, decide alforriar o filho com seu dinheiro. O conto discute, no espaço dramático do presente, a conveniência de abolir-se a escravatura. O argumento para isso é o atraso deste ato oficial no Brasil, em relação às nações livres do mundo, o sofrimento do escravo como ser humano e à luz da religião. O pai de Gabriel, que já morrera, trabalhara toda a vida para libertá-lo, mas, analfabeto, fora enganado, recebendo uma falsa carta de alforria para o filho. Por outro lado, a mãe, que tivera outro filho gêmeo, morreu louca e exaurida no parto. A questão levantada é se deve ou não ser abolida a escravatura. A senhora deseja mostrar-se em um ângulo positivo, através da alforria de Gabriel que ela promove.

Percebem-se, aí, dois aspectos: 1) a abolição não é um aspecto formal, uma tese abstrata, a ser imposta a um grupo ou a uma literatura; ela deve sair da própria discussão no presente da vida; 2) o conto obedece ao estilo despretensioso, indutivo, tão propício às mulheres do século XIX, que se eximiam de doutrinar, filosofar ou discorrer metafísica ou retoricamente. Norteava-se antes pela prática cotidiana e deixava-se levar unicamente pela sensibilidade e conhecimento próprio, utilizando um tom didático ou patriótico, e opondo-se assim a uma sociedade patriarcal e dominada pela certeza tom doutoral masculina, que defende idéias abstratas e universais.

A abordagem atual e a linguagem acessível empregadas por Maria Firmina dos Reis tornam próximo do leitor o tema da abolição, numa visão dialógica e emocional que se afasta do romance de tese.

¹¹ “A Escrava”, *Revista Maranhense*, Ano 1, nov. 1887, n° 3, e incluído ao lado de “Gupeva, romance brasiliense” (na verdade, um conto “brasileiro” indianista) e outras obras esparsas da autora em José Nascimento Moraes Filho, org., 1975, p. 122-34.

Já o conto “Gupeva, romance brasiliense” (1861), em cinco episódios, deve empregar o subtítulo “romance” no sentido de caso amoroso, pois também o poema curto “Elvira” (*A Verdadeira Marmota*, nº 65), é subtítulo “Romance contemporâneo”. O enredo, de suspense, é bastante inverossímil e folhetinesco, possivelmente sob a influência de *Atala*, de Chateaubriand, que é de 1801. Apesar de indicar leituras diversas, o enredo se afoga em modismos europeizantes que lhe roubam qualquer valor de leitura antropológica do índio brasileiro.

Trata de uma paixão incestuosa entre dois irmãos que não sabiam sê-lo. Gastão, um oficial francês da Marinha, de traços europeus, apaixona-se por sua meia-irmã por parte de pai, que se chama Épica, uma indígena, talvez uma metáfora referente ao poema de Santa Rita Durão, *Caramuru* (1781), inclusive porque seu padrasto se chama Gupeva, mesmo nome do herói do poeta árcade. Ele só vai conhecê-la quando aporta nas costas do Maranhão e ambos já estão adultos. No segundo episódio, quando irá concretizar-se o encontro amoroso entre Épica e Gastão no alto de uma montanha, no meio da noite, o tupinambá Gupeva surge diante de Gastão, ameaçando matá-lo. Mesmo assim, Gupeva passa a relatar-lhe a partida da mãe de Épica, que tem o mesmo nome dela, a serviço da índia Paraguaçu, quando abandona o primo apaixonado e o velho pai. Gupeva espera-a por dois anos, tentando avistar um barco na praia. Ela volta vestida à francesa, e está abatida. Apesar dos apelos de Paraguaçu, é Épica quem converte o primo Gupeva ao Cristianismo. Casam-se, e na noite de núpcias, Épica confessa ter-se entregado na Europa ao conde de..., que é justamente o pai de Gastão, que depois a abandonara, deixando-a grávida de uma filha que é justamente a Épica atual, a meia-irmã de Gastão. Esta é criada por Gupeva após a morte da esposa. Ao descobrir Gastão assassinado pelo tacaieiro de Gupeva, Épica morre de tristeza; Gupeva enlouquece enquanto o amigo Álvaro e seus amigos recém-chegados da Europa assistem ao enterro dos meio-irmãos, em companhia de alguns índios já cristianizados.

Sexo e etnia: mulher e negra, duplamente abandonada

A produção da escritora surpreende por ser tão variada e copiosa, considerando-se a escrita de hinos, músicas, folclore, produções leves e poemas e contos publicados na imprensa maranhense, além da escrita de seu *Álbum*, talvez o primeiro diário escrito por uma escritora brasileira. Podemos imaginar quantos escritos não devem ter-se perdido, quando lemos, no livro de José Nascimento, depoimento de Leude de Guimarães, filho de uma de suas filhas adotivas, que um baú contendo documentos da autora, após sua morte, fora-lhe roubado numa pensão onde

passou a viver, em São Luís (Moraes, 1975, p. 213). Diz ele que salvou uma parte do diário da autora, o *Álbum*, mas perdeu manuscritos, cadernos de romances e poemas – seriam inéditos?

O *Álbum*, como existe agora, inicia-se em 9 de janeiro de 1853 e termina em 1º de abril de 1903, mas só saiu publicado, por José Nascimento de Moraes Filho, em *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* em 1975, com alguns saltos e inversões de datas, devido à forma fragmentária em que ficou o manuscrito, ao qual não tivemos acesso. Mesmo assim, é possível perceber, nessas páginas pessoais e solitárias, toda a extensão do jogo de luz e sombra, de repressão e etnia, de sexo e melancolia, oculto na vida desta mulher. Pobre, mulata, bastarda, professora primária, solteira – embora se refira constantemente a uma paixão desprezada ou impossível, talvez por Raimundo Marcos Cordeiro,¹² – cuida da mãe e passa a vida com seus filhos adotivos na pobre vila de Guimarães, no continente. Já na dedicatória feita à mãe em *Cantos à beira-mar*, nota-se o isolamento da vida de uma mulher de província, seu sentimento de rejeição e a sujeição a uma realidade avessa a suas ambições, especialmente tratando-se de pobre e mulata, professora primária, órfã e bastarda.

Entretanto, 1871, ano da publicação de *Cantos à beira-mar*, é também o ano em que outro maranhense, Joaquim de Sousa-Andrade, partiu para Nova York, lá permanecendo até 1885. Mas ele não era de Guimarães, e sim de São Luís, na ilha do mesmo nome e capital da província; também habitou por algum tempo a cidade de Alcântara, no continente, mas era abastado, nessa época devido a um casamento. Ambos eram órfãos, mas situam-se em pólos opostos, pois, em Sousa Andrade, mulheres negras e escravas constituíam a marca para o uso pelo senhor de escravos, dono de fazendas, sinal de riqueza e poder, e com elas teve diversas filhas ilegítimas.

Por outro lado, é bom ressaltar que o Maranhão do século XIX era uma terra de enorme afluência, graças ao plantio bem-sucedido de arroz e de algodão, que eram exportados para a Europa. Toda essa afluência financeira traz consigo a elevação do nível educacional da província, – abrindo maiores possibilidades para a criação artística, no século XIX.

¹² Ver, no *Álbum*, o poema “Uma Saudade – no Álbum da Exma. Dra. Maria Firmina dos Reis”, a assinatura de Raimundo Marcos, o que revela toda a reverência dela por alguém cuja raça e classe jamais permitiriam uma aproximação mais íntima e definitiva. Após esta bela “prova de amizade”, algumas páginas adiante fica claro que o jovem Marcos faz um casamento de conveniência com Matilde, uma jovem branca (Ver Lobo, 1993, p. 233-34). Em 27 de junho de 1873, com a entrada “Simpatia é quase amor”, a escritora insinua que abriu mão de seu amor pelo jovem, altruisticamente, para que ele construísse sua vida com alguém que lhe permitiria galgar a escada social.

Para Charles Martin, a cachaça maranhense tiquira, que o negro Antero utiliza nos rituais africanos, semelhante à africana, e a presença da negra Susana, ama de Úrsula, são remanescentes de uma verdadeira África, que Maria Firmina ainda conheceu pessoalmente. Essas figuras não constituem produto de alguma criação literária vaga, como no poema “Banzo”, do modernista Menotti del Picchia. O trecho impõe-se, em sua sensibilidade, com relação ao “Navio negreiro”, uma produção castro-alvina realizada sob o impacto de um poema de Heine sobre o mesmo tema, sendo que os dois carecem do sofrimento e da vivência pessoal étnica que Maria Firmina viveu na carne. Retomando o andamento épico de *A cabana de pai Tomás* (1851), de Harriet Beecher Stowe, a negra Susana morre de forma grandiosa, recitando salmos enquanto caminha pela estrada e enfrentando a morte decretada pelo tio de Úrsula (Martin, prefácio, *Úrsula*, 1988, p. 9-17).

Alguns traços da escrita de Maria Firmina nos revelam toda a dimensão da sua melancolia devido a sua posição social e étnica fragilizada. Essa situação tornou-lhe impossível o casamento, por mais leitura e cultura que tivesse. Também o poeta mulato maranhense Gonçalves Dias sofreu preconceito e perdeu o grande amor de sua vida. No entanto, isso ocorreu por ser a família da noiva peculiar a respeito de uma pretendida ascensão social dela por meio do casamento. Mas esse problema racial não teve seqüência no restante da bem-sucedida vida do poeta. É sobre a mulher que ocorre a maior pressão social, pois ocupa um *status* inferior. Sentimos, em Maria Firmina, toda a esperança de casamento cortada, pois, além da cor da pele, era desprovida de qualquer fortuna, era bastarda e ficou órfã de mãe. Não teve, como Machado de Assis, por exemplo, o trabalho bem remunerado e a aceitação literária e social que lhe permitiram alçar-se socialmente através de um casamento com uma mulher branca e letrada. O resgate da situação inferior da mulher é sempre mais árdua e delicada.

Cantos à beira-mar (1871) tem um forte caráter intimista e ultra-romântico. A dedicatória é em homenagem à mãe,¹³ assim como alguns de seus poemas se referem a sua tumba. Esta também aparece nas paisagens iniciais do romance, em meio aos ciprestes do cemitério, quando Úrsula vai visitá-la. É à mãe que o romance é dedicado, e ela foi a figura central da vida da

¹³ “Dedicatória, À memória de minha veneranda mãe”, 7 abril de 1871, duas páginas com uma “lágrima de saudade”, antecedem seus *Cantos à beira-mar*: “Se alguma aceitação merecerem meus pobres cantos, na minha província, ou fora dela – se um acolhimento lisonjeiro lhes dispensar alguém; oh! minha mãe! Essa aceitação, esse acolhimento será uma oferenda sagrada, – uma rosa desfolhada sobre a tua sepultura!...” (1976, p. V-VI, VI).

professora primária e solteira. Na parte do *Álbum* intitulada “Resumo de minha vida”, dividida em três pequenos episódios e datada de Guimarães, junho de 1863, Maria Firmina descreve-se como sendo de compleição débil, criatura frágil, inclinada à timidez e melancolia, acentuada por uma educação “freirática”. Viveu encerrada na casa materna, ligada às flores plantadas pela avó, e teve como únicas amigas a irmã e uma prima, em meio a profundos “queixumes”.¹⁴ Aparentemente, em seus 92 anos de vida, quando morreu, já cega, só fez a referida viagem de navio pelo Itacolomi e limitou-se à travessia de barco entre São Luís e a localidade do continente onde habitava, em Guimarães. No entanto, em seu *Álbum*, são constantes as referências aos vapores que partiam, com conhecidos e familiares, de São Luís para Belém do Pará. Há constantes anotações de mortes e perdas simbólicas e reais, e espanta (ou antes, confirma o que sabemos pelas estatísticas) a quantidade de óbitos entre os recém-nascidos e crianças pequenas. Cercada dos filhos adotivos, Maria Firmina enfatiza os seus prantos nos escritos cotidianos ou lastima os amores impossíveis neste balanço de vida, nesse diário iniciado em 9 janeiro de 1853, aos 28 anos, até 1º de abril de 1903. Segue-se um papel almaço com um poema, “Lágrimas da velhice” (Moraes, 1975, p. 179-80), e uma última entrada no *Álbum*, feita por Oton F. Sá, um dos filhos adotivos de Maria Firmina, à “mamaia” M. F. dos Reis, a 20 de novembro de 1903, tendo a autora 78 anos então.

Muitos de seus poemas ultra-românticos são dedicados a Raimundo Marcos Cordeiro, poeta de cujas irmãs era amiga e por quem nutre um amor desesperançado, entre outras dedicatórias a diversas amigas. Escreve a um poeta de Guimarães, C. Roberto (“Dirceu”, 1976, p. 27-40). “A vida é sonho” (Moraes, org., 1975, p. 195-96) é dedicado ao poeta Raimundo Marcos Cordeiro, irmão de duas grandes amigas, possivelmente uma paixão recalcada. Esta paixão reprimida é quase revelada em “Canto” (1976, p. 153-55), escrito para “nosso prezado amigo – o jovem poeta – o sr. Raimundo Marcos Cordeiro”: “Tudo hei guardado – poeta, / No imo do coração, / Para dar-te em ovação / No teu fausto aniversário” (1976, p. 153-55, p. 155). “Sonho ou visão” (1976, p. 49-51) descreve o amado na linha posteriormente escolhida por Gilca Machado, no sentido de esboçar a figura do amado em sonho, escapando às referências reais, recurso abundantemente utilizado pelas poetisas até a segunda metade do século XX para se ocultarem sob a repressão que sofriam. A paixão reprimida é visível em poemas como “Confissão”, 1976, p. 79-80), em que o

¹⁴ Resumo de minha vida, parte I, 26 fevereiro 1861, in *Álbum*, repub. in Moraes (1975).

amor é violentamente negado como “Delírio ou loucura – sou cega em querer-te, / Sou louca... perdida só sei te adorar” (1976, p. 80). O tema da loucura repete-se em *Úrsula* (1879), quando, no desenlace, a heroína enlouquece, numa cena semelhante à de Ofélia, no *Hamlet*, de Shakespeare. O jovem amado, Tancredo, ameaçado de morte pelo tio de Úrsula, que se apaixonara por ela, ficara escondido, e ela num convento, até que marcam o dia do casamento, quando o tio o assassina na porta da igreja, provocando a loucura de Úrsula. Mesmo o arrependimento do tio, que se converte a padre, de nada adianta. Em *Cantos à beira-mar*, a melancolia da autora vai-se aprofundando em temas voltados para o amor frustrado e a dor, como se observa em “O Dia de Finados”, 1976, p. 141-43) e em “Queixas” (1976, p. 145-47). Dedica poemas também ao árcade Dirceu, a Ovídio da Gama Lobo, “distinto literato” (“Hosana!”, 1976, p. 149), ao primo e “literato” Francisco Sotero dos Reis (“Minha terra”, 1976, p. 5-9) e a um tio da mesma família, de nome Reis, bem como para Gonçalves Dias (“Nênia”, 1975, p. 197-200).

Assim, vê-se renascer o caráter forte e didático da professora primária, folclorista, musicista, autora de composições leves como charadas, assim como hinos à pátria e poemas nacionalistas, de enaltecimento aos soldados da Guerra do Paraguai, ou em defesa da Independência do Brasil. São poemas de cunho épico, que hoje caíram de moda, mas que correspondem ao espírito patriótico e nacionalista do Romantismo, como se lê também em Castro Alves e em Gonçalves Dias. “Voluntários da Pátria”, “Minha terra”, “Por ocasião da tomada de Vileta e ocupação de Assunção”, “Recepção dos voluntários de Guimarães”, “À partida dos Voluntários da Pátria do Maranhão” mostram tais aspectos. Foram também a principal substância do longo poema épico *O Guesa*, de Sousândrade, que se esmerou em ligar o indianismo brasileiro a um destino transnacional, buscando inserir nosso Romantismo num humanismo universal, ao gosto de Emerson e Whitman.

Conclusão

Fica evidente que a feição ultra-romântica e intimista dos poemas de Maria Firmina dos Reis, no romances, contos e no *Álbum*, deve-se não apenas a um determinado estilo de época, mas a uma consciência ultrajada, inferiorizada, reprimida e lastimosa. Ela possuía a consciência da nação, embora fosse uma mulher da província, longo do eixo do poder, ou sequer da capital de São Luís, ou do prestigioso primo Sotero dos Reis ou outras figuras masculinas da Academia Maranhense de Letras. Sofreu a mesma rejeição étnica que a personagem de seu conto “A

Escrava”, e sentiu a mesma impossibilidade de felicidade ou casamento que Úrsula no romance homônimo. O cristianismo do período, com a idéia de auto-punição e sacrifício pessoal parece a tudo coroar, através do estilo ultra-romântico.

Figura excepcional, paralelamente a essa vertente melancólica, Maria Firmina soube elevar-se acima do sofrimento pessoal e desenvolver-se como profissional do ensino e produtora de textos em prosa e verso de enaltecimento patriótico, nacionalista e desinteressado a seu país.

Bibliografia

Adonias Filho. “Maria Firmina”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, Ano 27, 13 dezembro 1977, n. 8118.

Blake, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. 6 v. 2ª ed. fac-similar, Brasília, Conselho Federal de Cultura, 1970, 6 v. v. 6, p. 232.

Lobo, Luiza. “Um auto-retrato de mulher: a pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis”, *Letterature d’America*, Itália, Bulzoni, Ano 7, 1986-1987, n. 29-30-31, p. 71-86. A pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis, *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Conjunto Universitário Cândido Mendes / Fundação Ford, 1989, n. 16, p. 91-102. Repub. rev. “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”. In: ---. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992. p. 222-38.

Montello, Josué. A primeira romancista brasileira, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 novembro 1975, p. 5.

Moraes Filho, José Nascimento de. Entrevista [sobre a descoberta de volume de *Cantos à beira-mar*]. *Diário da Serra*, Campo Grande, MS, 11 novembro 1973.

_____, org. *Maria Firmina – fragmentos de uma vida*. São Luís, Governo do Estado do Maranhão, 1975.

Mott, Maria Lúcia de Barros, *Submissão e resistência. A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo, Contexto, 1988.

Muzart, Zahidé Lupinaci, org. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis, Editoramulheres; UNISC, 1999, p. 264-84.

Reis, Maria F. dos. *Cantos á beira-mar*. San’ Luiz do Maranhão, 1871. Typ. do Paiz, Imp. por M. F. V. Pires, largo do Palacio. 208 p. Notas. [2ª ed. fac-similar. Prefácio de José Nascimento de Moraes Filho. Rio de Janeiro, Granada, 1976].

- ____. “A Escrava”, *Revista Maranhense*, Ano 1, n° 3, nov. 1887. Repub. in: Moraes, 1975, p. 122-34.
- ____. “Gupeva, romance brasiliense”. *O Jardim dos Maranhenses*, domingo, 13 outubro 1861, Ano 1, n° 25; novembro 1861, n° 27; janeiro 1862, n° 29. Repub. *Porto Livre*, 1863, *Echo da Juventude*, 1863, p. 107 ss. Repub. in: Moraes, 1975, p. 101-21.
- ____. *Úrsula*, romance original brasileiro por uma maranhense. Typ. do Progresso. Imp. por B. de Mattos, 1860. [2ª ed. Prefácio de Horácio de Almeida. Ed. fac-similar com Notas de José Nascimento de Moraes Filho. Rio de Janeiro, Olímpica, 1975]. [3ª ed., Org., atualização e notas por Luiza Lobo. Introd. Charles Martin. 3ª ed. Rio de Janeiro, Presença Edições; Brasília, INL, 1988. 162 p].
- Santos, Pedro Braga dos. “Maria Firmina é notícia em francês”, *O Imparcial*, 25 dezembro 1977.
- Sayers, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Trad. e nota de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1958. p. 1.
- Sousa, José Galante de; Coutinho, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2ª ed. rev. ampl. e atual. São Paulo, Global; Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional – DNL; Academia Brasileira de Letras, 2001.
- Viveiros, Jerônimo de. “Quadro da vida maranhense”, *Jornal do Dia*, São Luís, 1963.